

só resta de pé, ha cem annos de existencia, a poderosa e bem dirigida "Companhia do Morro Velho", onde a tenacidade dos capitaes inglezes e a energia e habil direcção alli firmada pelo inesquecivel amigo de Minas e do seo povo, o saudoso engenheiro sr. George Chalmers, conseguiram manter bem viva a tradicional habilidade ingleza, na exploração industrial das riquezas mineraes do nosso subsolo, pela já secular (1830-1930) "The St. John d'El-Rey Gold Mining Company Limited".

Possam resultar os melhores fructos economicos desta auspiciosa e agradavel visita do herdeiro presumptivo da Corôa Real e Imperial da Inglaterra e de seu augusto Irmão ao Brasil e a este "coração de ouro encravado no peito de ferro das nossas montanhas", em plena região central da grande Republica do Cruzeiro do Sul. Que Suas Altezas o Principe de Galles e o Principe George comprehendam o momento unico e propicio, que se lhes depara, e façam reatar o forte Intercambio anglo-brasileiro, vindo novos capitaes britannicos para explorarem as nossas riquezas mineraes (o ouro, o ferro, o manganez) e a industria agricola e a pastoril, nestas immensas e ferteis regiões de Minas Geraes, onde para um territorio igual ao da França só existem oito milhões de habitantes, offerecendo, portanto, um "habital" muito espaçoso e conveniente para o quintuplo desse algarismo demographico. E com estes votos lhes damos as mais affectuosas "boas vindas": *Wellcome!*

Bello Horizonte, 4 de Abril de 1931.

NOTA: — Este trabalho do Prof. NELSON DE SENNA foi publicado na edição que o organ official do Estado — o "Minas Geraes" — consagrou á visita dos reaes hospedes, em principios de Abril de 1931, á Capital montanha.

Um authentico estadista da Republica

JOAO PINHEIRO

*"Quando elle adormeceu, na mente insana
Homericus visões lhe appareceram".*

(José Bonifacio, o Moço)

Apenas com 48 annos de idade (pois que nascera a 16 de Dezembro de 1860), cahia, abatido pela morte, naquella data tragica de 25 de Outubro de 1908, na séde do seo governo, o grande filho de Minas, dr. João Pinheiro da Silva, então Presidente do Estado. Ia a meio o seo quadriennio governamental, cheio de fecundas realizações republicanas, promissoras de maiores reformas e beneficos effeitos sociaes para o futuro, quando fatal molestia lhe consumo as energias do franzino organismo, que era ergastulo fragil de uma alma espartana, provada na tempera das luctas mais dignificadoras do homem que chega a vencer e triumphar pelo proprio esforço. Relativamente moço ainda, succumbio antes dos cincoenta annos, sob o signo de um destino cruel que persegue a alguns dos melhores genios de Minas, os quaes assim se hão despedido da vida terrena, não raro antes de completo o meio seculo de sua existencia material.

Foi assim no Imperio, tem sido assim na Republica o triste fadario de luzida cohorte mineira de nomes de um perfeito valor mental e moral, de cultura admiravel, de raro brio civico e de vocação maravilhosa de mando politico.

Com pouca differença de idade, quasi sempre entre os 40 e 50 annos, e alguns até antes dos 40 annos, a morte tem arrebatado no serviço de Minas e da Patria homens representativos do quilate de João Pinheiro e Raul Soares, antecedidos no trespasse final por Astolpho Dutra e Estevam Lobo, Sylvestre Ferraz e Carlos Peixoto, Pinto Moreira e Campos Carvalho, Cornelio Magalhães e Francisco Amaral, Theotonio Maciel e Gomes Candido, Octavio Ottoni e José

Sena, Bento Joaquim de Oliveira e Perdigão Malheiros, Alvaro Botelho e Delfim Moreira, Affonso Arinos e Baptista Martins, Carlindo Pinto e Rodrigo Bretas, para apenas citar um punhado de parlamentares, homens de governo e publicistas de destacado renome nacional, que se poderiam apontar como mortos, em sua maioria, na "flor da idade"...

Dentre outros notáveis vultos políticos e intellectuaes, filhos da terra montanheza, desaparecidos pouco mais ou menos que quinquagenarios, ha que lembrar Bernardo de Vasconcellos e Honorio Hermeto (Paraná), Martinho Campos e Theophilo Ottoni, Sabino Barroso e Gastão da Cunha, Evaristo da Veiga e Silviano Brandão, João da Matta Machado e Herculano Penna, Paula Candido e Carlos Affonso, Aristides Maia e David Campista, Pedro Lessa e João Luiz Alves, Vaz de Mello e Antonio Olyntho, Josino de Araujo e Americo Luz...

Não são muito numerosos os estadistas e parlamentares brasileiros, allí nascidos, que puderam chegar á idade maior de 60 ou 70 annos, conseguindo assim duração relativamente longeva em meio ás aniquiladoras luctas da vida politica no Brasil; e, nesse caso, se apontam os Marquezes de Barbacena e Baependy, os Viscondes de Caeté e Sabará, Araujo Vianna (Sapucahy) e Cruz Machado (Serro Frio), Christiano Ottoni e Diogo de Vasconcellos, Candido de Oliviera e Barão de Santa Helena, Lafayette e Ouro Preto, Francisco Diogo e Couto de Magalhães, Joaquim Felicio dos Santos e Bernardino de Campos, Cesario Alvim e Affonso Penna, Xavier da Veiga e Joaquim Delfino, Bernardo Monteiro e Costa Sena, Virgilio de Mello Franco e Gonçalves Chaves, Bias Fortes e Camillo de Britto, Lima Duarte e Nogueira Penido, Americo e Fernando Lobo...

Seria prudente recordar que, entre os vultos ora aqui citados, si é verdade que se encontram alguns macrobios, todavia é não menos certo que falleceram muitos delles ainda bem distanciados mesmo da idade septuagenaria.

De João Pinheiro póde-se dizer que a morte crudelissimamente nol-o arrancou ao scenario da vida publica, em plena força da idade, e quando mais intensa e fulgurante era a projecção do seo respeitado nome e da sua solida carreira politica, nos altos horizontes da Republica. O estadista havia haurido sabias lições de governo e amadurecido largos programmas de fecunda e exemplar administração democratica, durante o seo voluntario afastamento da evidencia da vida publica (1891 a 1903), desde quando, renunciando os postos politicos, fôra viver solitariamente em Caeté, a pequena

cidade que elegeo amavelmente para sua residencia, e na qual passára parte da juventude, embora fosse filho de outra velha e historica cidade mineira (Serro-Frio).

O espirito habitualmente sereno ganhára, na rude tarefa de dirigir uma empresa industrial, novos methodos de commando para bem saber dirigir homens. A intelligencia agudissima e sempre clara havia se abeberado de maiores conhecimentos dos nossos problemas economicos, cuja exposiçào e defesa ninguem como elle soube, então, fazer naquella sua convincente dialectica, aprimorada por estylo sobrio, mas cheio de impressionantes toques colejadores do passado com o presente, como bom sabedor que era da evoluçào historica do nosso paiz.

As posições nunca o seduziram, no que ellas têm de brilho exterior e profano. Governador de seo Estado (1890), antes de attingir os 30 annos, elle soube ser, naquelle difficil periodo da organizaçào federativa, após a mudança radical do nosso regimen politico, o mesmo espirito equânimo e moderado, com que, mais tarde, aos 46 annos, subio ao Palacio da Liberdade, como sexto Presidente constitucional de Minas Geraes (eleito para o periodo de 1906 a 1910).

Durante dois annos desse ultimo mandato, que a morte cortou a meio, soube governar seos compatriotas com a mesma rectidão, firmeza e bondade dos breves mezes de exercicio no periodo governativo provisorio do Estado.

Através de todas as posições da vida publica, conservou-se João Pinheiro sempre o mesmo homem de coração compassivo e inclinado ao bem e á Justiça. Nunca olvidára as lições e praticas de bondade, que recebera da esmerada educaçào materna.

Toda a sua vida foi pouca para homenagear aquella sua santa e adorada mãe, dona *Carolina*, mulher de prodigioso heroismo, que da pobreza extrema conseguiu, á força de trabalhos sem tréguas, os meios para formar em leis o "Joãozinho" e ordenar sacerdote catholico ao outro filho (padre José, notavel latinista e grammatico).

Da sua infancia guardou tambem, indeleveis, os exemplos e conselhos do venerando missionario apostolico, padre-mestre *João de Santo Antonio*, seo desvelado protector, a quem, menino, acompanhou por terras do Serro, Guanhães, Conceiçào, Itabira, Caeté e outros pontos do centro da antiga provincia.

Já Presidente, poude fechar os olhos da amada genitora, no mesmo Palacio do Governo, onde por sua vez veio a render a alma
R. A. P. M.—26

ao Creador, recebendo allí a extrema-uncção das mãos trémulas do santo velhinho padre João, seo amado padrinho e guia moral, que pouco lhe sobreviveo, indo morrer no seo humilde eremiterio de Pinhões (Rio das Velhas), depois de ter apostolado por mais de meio seculo entre as gentes christãs das Minas Geraes, em cujo territorio central sua memoria vive impereciyel na povoação de *Cordisburgo* — fundada pelo ardente missionario da nossa Fé, no risonho valle sertanejo do Paraopeba, com aquelle expressivo nome, de franco sabor latino, e que significa — “aldeia do coração”.

Seminarista, preparatorio, academico, professor, jornalista, advogado, politico, parlamentar, administrador, industrial, João Pinheiro não alterou jamais os habitos singellos e o feitio delicado de sua formosa organização moral, ao subir a “escala das honras” e através das varias posições eminentes, que foi gradualmente attingido na vida.

O propagandista das idéas republicanas nelle não morreo nunca; e — deputado ou senador federal, vereador ou agente executivo do seo municipio, Governador ou Presidente do Estado — elle foi sempre um doutrinador e catechista democratico, semeando idéas pela sua palavra inspirada de orador cultissimo e pela palavra escripta do homem de imprensa, optimo jornalista e escriptor que éra, manejando a penna com estylo ameno e apurado na fórma, sem jamais sacrificar o pensamento, que lhe sahia preciso e accentuado, fosse no artigo de fundo, fosse na plataforma politica, no manifesto ou mensagem de governo.

Si vivo fosse, estaria elle hoje commemorando o seo sexagesimo setimo anniversario natalicio; mas, ai! de nós que ha dezenove annos feitos que o perdemos!

Entretanto, a projecção do seo nome, a lembrança de sua figura, os effeitos e lições de sua obra democratica se fazem cada vez maiores, no *Brasil*.

Não ha multos mezes, numa conferencia civica em Bello Horizonte, assim o evocava o professor Aurelio Pires, que foi seo contemporaneo e bem conheceo de perto o eminente brasileiro desaparecido:

“João Pinheiro da Silva, a figura oracular, a vontade tranquilla e forte, alma formada de um plasma luminoso, caracter feito de crystal purissimo, exemplo nobilitante, que sabia ensinar a seos governados o caminho seguro da grandeza, porque sabia que todas as crises economicas se resolvem pelo trabalho pertinaz do governo e do povo, e

que todos os defeitos Moraes se corrigem pela acção educadora dos estadistas”...

Desse preclaro varão republicano — “que tão bem servio a seos semelhantes pela acção conjugada da vontade e da razão” — com justeza ainda accentuou o illustre professor montanhez, em paginas daquela sua conferencia civica, ora estampada pela *Revista do Archivo Publico Mineiro*, que: “o rasto de seo espirito e o rasto de sua alma, esses não se apagarão nunca no céo ideal do pensamento e da bondade”; e, exactamente “por isto é que do tumulto de João Pinheiro ha de irradiar luz perenne que clareará o horizonte da Republica, nas horas mais annuviadas, isto é, o esplendor de uma vida que foi, até ao ultimo alento, animada e alimentada pela fé no trabalho e pela perseverança na Fé”.

De facto, assim é. Toda sua obra politica, sua acção creadora, suas iniciativas fecundas, sua capacidade de realizações uteis e intelligentemente concebidas e executadas, suas idéas fundamentaes e claras, que abriram rôtas mais altas á politica federativa brasileira, não poderão jamais desaparecer da historia de seo Estado natal e dos proprios annos da Patria, em cujo vasto territorio se projectou, em formidavel impeto de assimilação, todo o *conceptus* da nova escola de administração publica, que o Brasil ficou a dever a João Pinheiro.

E' com ufania que sempre recordamos o nome desse dilecto mestre e grande amigo, estadista que veio formando pelo exemplo de suas idéas a boa tradição republicana de não se interromper o *nexus* politico da terra brasileira, cujo povo e nacionalidade têm lido a sua evolução sempre assignalada por etapas e avanços para a frente, sem a lamentavel descontinuidade de viciosa formação social feita em recuos e contra-marchas capazes de desvincularem a nossa vida historica, desde o mais remoto passado até os dias actuaes. Oxalá que saibamos sempre conservar, em memoria delle, os expressivos versos:

*“Virtute vixit, memoria nostra supererit, gloria vivet.
Non illo melior quisquam nec amantior aequi” —*

que, na face do seo monumento funerario, no humilde adro do Rosario de Caeté, estão a repetir aos pósteros o melhor louvor do malogrado concidadão e preclaro estadista brasileiro.

Evocando a João Pinheiro, nesta data natalícia — quando o nosso commum berço serrano também hoje recorda e pranteia com saudade o querido extinto — temos ainda a escurentar-nos a memoria aquella pungente agonia do grande morto da madrugada de 25 de Outubro de 1908, no então sombrio Palacio da Liberdade, em Bello Horizonte. E vem-nos á lembrança este verso de suave poelizu lusitana:

“Vinha surgindo no horizonte o dia,
Alagara-se em luz o azul do céu.
Cantava pelo espaço a colovia...
Foi então, foi então que elle morreo!”

NOTA: — Foi escripto no Rio, em 16-XII-927, pelo Prof. Nelson de Senna (então deputado federal pelo Estado de Minas Geraes) e publicado em edição do matulino carioca “O Paiz”, dessa data, o artigo ora aqui reproduzido.

Aspectos typicos do Brasil

(Nas varias regiões e através dos Estados brasileiros)

(Synthese de caracter geographico-historico)

Costumes, typos, características especiaes marcam, assignam e deslacam os diversos Estados e principaes regiões geographicas do Brasil. Bastam um traço physico, uma individualidade, um episodio historico, um *llque*, uma lenda ou usança, um producto ou uma industria, um nome local, e eis desde logo fixada e gravada na retina determinada região brasileira.

Quem fala no ACRE — tem de se lembrar logo de bolivianos e peruanos fronteiriços; do Purús e do Juruá; de Placido de Castro e do General Thaumaturgo e de Senna Madureira; de seringaes e *lgarapés*, de *cabóculos* e *lupirys*; do *cáucho*, do *sernamby* e da castanha; de “gaiolas” e “paroúras” e ainda do extranho nome de uma cidade acreana — Bólpébra — que resume em anagrama os tres paizes limitrophes (Bolivia, Peru, Brasil), nesse Territorio federal opulento, que domina o longinquo Noroeste da Patria.

Passemos a falar de ALAGOAS — que é para todos a terra do “sururú”, dos mariscos e petisqueiras gostósas, no seo porto de Jaraquá (vestibulo citadino de Maceió); e lá, nos baixios da foz do Coruripe, os *Caetés*, gentio bravo do seculo dezeseis, devorando num festim de canibaes o primeiro Bispo do Brasil, Dom Pedro Sardinha; e seculos afóra, depois disso, os *quillombos* de *Palmares* e o seo chefe *Zumbi* deram que fazer aos *mamelucos*, aos “bandeirantes” e forças lusas, que afinal os exterminaram, nas faldas da Serra da Barriga; e mais tarde veio a se constituir em provincia a terra alagoana, donde nos vem excellente ambar de sua costa maritima, como della também sahiram o historiador Mello Moraes, o Visconde de Sinimbu’ e os dois primeiros Presidentes da Republica, Deodoro e Floriano (pois que Alagoas se ufana de ser o “ninho dos Marechaes”): sendo digno de menção que o mais brasileiro dos nossos rios, o São Francisco, — verdadeiro mediterraneo fluvial — fórma nesse Estado nortista o seo